

Estreia de gala como cartão de visita



Mangureira 2 x 15 Flamengo Campeonato Carioca

Data: 3 de maio de 1912

Local: Estádio da Rua Campos Sales

Público: estimado em 800 pessoas

Juiz: João Evangelista Belfort Duarte

Gols: Gustavo a 1', 2' e 37', Arnaldo aos 24' e 30', e Octavio aos 35' do 1º tempo. Gallo aos 5', Amarante aos 7', 9', 15' e 31', Arnaldo aos 18' e 29', Levy aos 22', Gustavo aos 25' e 35', e Borgerth aos 33' do 2º tempo

MANGUEIRA: Moggey, Beбето e Sylvio; Walter, Routt e Plaisant; Romeo, Levy, Octavio, Campos e Tangerina

Técnico: Ground Committee

FLAMENGO: Baena, Píndaro e Nery; Coriol, Gilberto e Gallo; Baiano, Arnaldo, Gustavo, Borgerth e Amarante

Técnico: Ground Committee

Na então capital da República e maior metrópole do país, cuja população beirava 22 milhões de pessoas, os cerca de 928 mil cariocas não podiam reclamar de falta de novidades, em maio de 1912. Boas e más notícias espocavam feito pipoca. Como exemplo, ao contrário de décadas atrás, navios estrangeiros não mais evitavam ancorar no Rio de Janeiro. O cais do porto, inaugurado havia dois anos, deixava para trás os temores das pestes que volta e meia assolavam a cidade.

Era outro Rio, diga-se. Futura Princesinha do Mar, Copacabana parecia um fim de mundo coberto por areal e pitangueiras. Começando a ser construída, a praticamente deserta Avenida Atlântica estampava inúmeros cartazes de “vender”, que anunciavam terrenos a baixo preço. Por ali não havia banhistas. Balneário, só no Flamengo.

E Flamengo já era nome de clube de respeito. O Clube de Regatas do Flamengo atraía paixões nos domingos de remo. E naquele longínquo 1912 começaria a capitalizar mais e mais súditos. Graças à força do futebol.

O ano era especial. O mundo chorava o naufrágio do *Titanic*, vitimado por um iceberg, mas o Rio nada tinha de gelado: fervilhava. Onde hoje ergue-se o Edifício Avenida Central luzia, na época, a Galeria Cruzeiro, recém-construída pela Light para servir como estação de bondes da Companhia do Jardim Botânico. Da Galeria Cruzeiro, homens elegantes, vestidos com ternos Ranier e ornados por chapéus de palha franceses, ingleses e italianos, comprados na Rua do Ouvidor, partiam para a Confeitaria Colombo, na Gonçalves Dias. Depois de bom papo regado a garrafas de vinho, retornavam. Afinal, defronte à Galeria, às primeiras horas da noite, filmes obscenos eram exibidos. À sala não faltavam deputados, senadores, comerciantes, homens sérios e mulheres da vida. As mesmas que faziam ponto na Senador Dantas.

Em Buenos Aires, uma manifestação operária se transformou no maior movimento de massas populares jamais visto na cidade. No mesmo dia, alheio a tudo, Roque Sáenz Peña, o presidente argentino, agendou um baile a ser oferecido ao ministro brasileiro Campos Sales. Mas o Campos Sales que mexia com o Rio àquele tempo era outro. Era o campo do América Football Club. Que em 3 de maio acolheu as equipes de Flamengo e Mangureira para suas respectivas estreias no Campeonato Carioca.

Naquela manhã, o sol nasceu às 5h21. Chuviscos caíam no decorrer do dia. Dia considerado de festa nacional, já que o Governo Provisório decretara que o Brasil foi descoberto em 3 de maio, em vez de 22 de abril, celebrando a data da posse, e não a do avistamento da terra. Somente anos mais tarde, o engano seria corrigido.

Se o Brasil não foi achado em 3 de maio, foi ao menos chacoalhado naquele novo 3 de maio. Os cariocas acordaram em polvorosa, ansiosos para ver a famosa agremiação de remo se aventurar, às 15h30, como time de futebol. Sim, o Flamengo já estreou favorito. Entre seus titulares havia nove campeões cariocas

invictos do ano anterior, pelo Fluminense.

Desde 15 de novembro de 1910, o Brasil era governado pelo marechal Hermes da Fonseca, sobrinho de Deodoro, o proclamador da República. Como tantos torcedores, o presidente se surpreendeu com a desintegração do forte time do Fluminense, ao fim de 1911. Liderados por Alberto Borgerth, vários jogadores pediram o desligamento das Laranjeiras dias depois de conquistarem o caneco.

“Se você pode sonhar, você pode fazer”, dizia Walt Disney. E o sonho do futebol do Flamengo germinou em plena noite de Natal. No dia 24 de dezembro de 1911, os até então cabreiros remadores aceitaram montar um departamento de esportes terrestres no clube. Quem se tornou diretor foi justamente Borgerth, rubro-negro de coração e ex-tricolor por circunstância. Como não havia futebol no seu clube querido, defendia dentro de campo o Fluminense, mas remava pelo Flamengo. Graças à sua obstinação, Borgerth fez com que os remadores rubro-negros parassem de pensar que futebol não era esporte de homem. O Flamengo se tornava o primeiro clube de futebol e regatas da cidade, ainda que no nome oficial conservasse apenas o amor ao remo.

Antes mesmo de estrear, os atletas eram bastante populares. Treinavam num descampado na Praia do Russel, diante do povão. Atraindo a atenção dos curiosos, estabeleceu-se de imediato uma relação de proximidade e intimidade entre jogadores e torcedores.

Inscrito na Liga Metropolitana de Sports Athletics, o Flamengo encomendou seu primeiro uniforme na Inglaterra, a exemplo do que fazia o remo. As cores eram as mesmas, mas a camisa se diferenciava. Em vez das tradicionais listras, grandes quadrados pretos e vermelhos, estilo turfê. Muita gente encarnaria. Chamariam-na de “papagaio de vintém”, por lembrar pipas de papel.

Seu oponente na sexta-feira, dia 3, era o pequeno Sport Club Mangueira, hoje extinto. Time formado por funcionários da fábrica de chapéus Mangueira, localizada na Rua São Francisco Xavier. Mesma empresa na qual trabalhou, quando jovem, o cantor Francisco Alves, o Rei da Voz.

Na inteligente fórmula do campeonato, todos os times se enfrentavam em dois turnos, com inversão de mando de campo. Neste dia o mandante foi o Mangueira. Por não possuir cancha própria, o clube se valeu do pequeno estádio do América ao longo da competição.

O América adquirira o campo havia um ano, ao se fundir com o Haddock Lobo Football Club. Malcuidado e desnivelado, o gramado deixava a desejar. Para piorar, por conta do tempo nublado, com possibilidade de chuvas, pouca gente assistiu à partida. Azar de quem não foi.

Naquela tarde, o Flamengo se valeu do esquema tático vigente na época, o 2-3-5. Dos titulares, apenas Coriol e Gilberto não haviam debandado do Fluminense. Na preliminar, seu segundo time derrotou o Mangueira por 4 a 0. Para o jogo principal, escalaram o árbitro Belfort Duarte, que emprestaria o nome ao troféu que homenageia atletas disciplinados.

O Rubro-Negro entrou na disputa como uma das equipes mais fortes do campeonato. Era o time a ser batido. E deu mostras do porquê já no primeiro ataque. Com um minuto de jogo o placar se mexeu. Obra do *inside left* Gustavo.

Paulista, Gustavo Adolfo de Carvalho nasceu na cidade bandeirante de Sorocaba em 19 de fevereiro de 1894. Seu pai importava e exportava café. Menino ainda, transferiu-se com a família para o Rio, o Distrito Federal. Morou em Santa Teresa e, pela proximidade, começou a jogar no Fluminense, em 1909. Por medir 1m54, ganhou de Paulo de Magalhães – goleiro do segundo time do Flamengo e que, oito anos mais tarde, criaria o hino oficial rubro-negro – o apelido de “Sentado”. Tinha baixa estatura, mas, aos 18 anos de idade, era leve e rápido. Seus 54 quilos suportavam o peso de uma aura gigantesca.

A jogada começou num passe de Baiano, da esquerda, para Gustavo. De primeira ele lançou na ponta para a corrida de Arnaldo. O jogador chegou ao fundo e centrou para a área. Fulminante, Gustavo, que acompanhava o lance no pique, emendou de direita, forte e rasteiro, sem chances de defesa.

Fazer o primeiro gol com um minuto de jogo é coisa para poucos. Sinal de que o time nascia abençoado. E o artilheiro também, por que não? Gustavo chegaria à presidência do Flamengo. No entanto, sempre considerou seu maior orgulho o tento histórico:

– Possuo todos os títulos que poucos conseguiram conquistar até hoje no Flamengo, e mais um do qual somente eu poderei continuar me orgulhando, pelo resto da vida, e que levarei para o túmulo: a honra de ter sido o autor do primeiro gol assinalado pelo futebol rubro-negro – disse ele, em entrevista proferida quase 60 anos depois, em 1971.

Veloz, Gustavo ganhava na velocidade de qualquer um. Mas atuou como titular somente até julho. Não por deficiência técnica. É que viajou para estudar Engenharia Naval na Inglaterra. Ao fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918,



Primeiro time da história rubro-negra posa antes de jogo com o Paysandu, com Lawrence, Amarante, Píndaro, Baena, Nery e Gallo, de pé. Sentados estão Coriol, Arnando, Zé Pedro, Miguel e Borgerth, o fundador do futebol do clube. Dos que participaram da primeira partida, as ausências são Gilberto e Baiano

regressou. Disputou posição, ganhou e voltou à equipe como meia-esquerda e capitão. Anos depois, no posto de presidente, triunfou com o primeiro título da era profissional do Flamengo, em 1939. Três temporadas mais tarde, sua gestão deu início à saga do primeiro Tri.

Voltemos ao jogo. Dada nova saída, agora com o placar adverso, o Mangueira se desnortou. Perdeu bola no meio de campo e o *center-half* Gilberto esticou outro bom passe a Gustavo. Coitado do goleiro Moggey. Dois minutos e 2 a 0. Parecia até a piadinha que há anos fazem sobre um hipotético jogo entre Fluminense e Barcelona: deu a saída o Mangueira... gol do Flamengo!

Entretanto, o jogo endureceu. Por pouco tempo, é verdade. A partida ficou em banho-maria até os 24 minutos, quando Borgerth deixou Arnaldo em condições de aumentar: 3 a 0. Mais seis minutos e novamente o *forward* Arnaldo, após passe de Amarante, ampliou. Centromédio, Amarante foi escalado na ponta-esquerda porque Gilberto, que chegara de São Paulo, mostrou categoria nos treinos, tomando-lhe a posição.

Aos 35, Octavio do meio de campo acertou um balaço. O Mangueira diminuiu: 4 a 1. Gustavo então se enfezou. Com raiva, fez seu terceiro gol dois minutos depois. E assim terminou a primeira etapa. Flamengo 5, Mangueira 1.

Cinco minutos de intervalo, eis o período de descanso. No segundo tempo, a defesa do Mangueira defendeu sua meta em meio a um lamaçal. Aos 5 minutos, Gallo meteu o sexto. Aos 7, Amarante, sem trocadilhos, pintou o sete. Chamando a responsabilidade, fez também o oitavo, aos 9 minutos, e o nono aos 15. Aos 18, Arnaldo completou. Não perca a conta: Flamengo 10 a 1.

De acordo com o *Jornal do Brasil*, poucas foram as vezes em que jogadores do Mangueira pisaram o campo do Flamengo. Um zagueiro rubro-negro, segundo o periódico, passeava de braços cruzados pela grama, sem serviço. Até o ataque do Mangueira ser parado com falta. Em bela cobrança, aos 22 minutos, Levy lavou pela segunda vez a escassa honra mangueirense.

O goleiro Baena seguia frio em campo, por isso deixou passar as duas únicas bolas que lhe chegaram. Já o goleiro rival, fervendo de tão quente, pegou até pênalti batido por Gallo. Tudo bem que não fez falta. Mas o Mangueira queria porque queria tomar dessa forma, e não demorou para outro zagueiro cometer nova penalidade. Parece mentira, mas Baiano repetiu Gallo e também cobrou mal. Apenas aos 25 minutos a bola voltou a entrar. Gustavo fez 11 a 2, seu quarto gol no jogo. Mais quatro minutos e Arnaldo assinava os 12 a 2. Aos 31, a glória coube a Amarante: 13 a 2. Com 33 minutos, Borgerth, quem tanto sonhou e lutou por aquele time, colocava seu nome na História também dentro de campo: 14 a 2. Aos 35, aquele que abriu tratou de fechar o caixão. Gustavo deu números finais ao massacre, Flamengo 15 a 2.

Por muito, mas muito tempo, pensou-se que o primeiro jogo havia terminado 16 a 2. Acontece que o Flamengo não é mesquinho, não precisa inventar. Pelo contrário, é tão grande que se dá ao luxo de corrigir a história tirando um

gol daquela primeira vitória, maiúscula e arrasadora. A mudança do resultado só se oficializou em 2011, após exaustivo trabalho do pesquisador rubro-negro Marcelo Abinader, que explicou tudo, nos mínimos detalhes, no livro *Uma Viagem a 1912 - Surge o Futebol do Flamengo*.

Expliquemos a confusão. O conflito se instaurou, primeiro, porque na época não existia sùmulas dos jogos disponíveis à consulta. Os dados iniciais foram retirados por meio da leitura de jornais. Aí reside o perigo. *A Noite e Gazeta de Notícias* publicaram 15 a 2. A Imprensa definiu que “por 17 vezes a bola se aninhou no goal”, o que é poético, mas não errado. A confusão se originou com o *Jornal do Commercio*. Apesar de ter sido o único órgão da imprensa a detalhar o confronto, o vespertino se equivocou duas vezes na manchete. Errou time e placar ao destacar “O Fluminense bateu o Mangueira por 16 x 2”. Apenas no domingo, 5 de maio, com o português que se falava e escrevia na ocasião, retratou-se:

“Pela simples leitura da descrição que demos hontem do match Flamengo – Mangueira se conclue que o *score* do 1^o *half* foi de 5 x 1 e o resultado do jogo 15 x 2 ao em vez do que por erro typographico sahio publicado.”

Acontece que muitos pesquisadores não conferem erratas. Como consequência, o ledô engano se perpetuou anos a fio.

No outro encontro realizado naquela mesma sexta-feira, veja você, o “poderoso” Rio Cricket venceu o Fluminense por 2 a 1. Cada um no seu quadrado, não é mesmo?

No retorno, o Rubro-Negro voltou a golear o Mangueira, mas “somente” por 14 a 0. Em seu primeiro ano de futebol, o clube jogou 13 partidas, todas pelo Carioca. Sagrou-se vice-campeão, contabilizando nove vitórias, dois empates e igual número de derrotas. Marcou 64 gols e sofreu 16. Arnaldo, o artilheiro do time, comemorou dezesseis vezes na temporada.

O Flamengo treinou na Praia do Russel até 1916, quando alugou o campo da Rua Paissandu, onde permaneceu até os anos 30. O terreno da Gávea lhe foi entregue em 1931, por intermédio do interventor Pedro Ernesto. De lá para cá, o crescimento foi vertiginoso.

Nery, um dos ex-tricolores que trocaram o duvidoso pelo certo, morreu tuberculoso em dezembro de 1927. Diretores do Flamengo souberam que, aos 35 anos, ele não tinha recursos para custear o complexo tratamento disponível à época. Tentaram oferecer ajuda, prontamente recusada pelo ídolo:

– Eu é que devo ao Flamengo, não o Flamengo a mim.

Como diria tempos depois o jornalista, escritor e dramaturgo Nelson Rodrigues:

“O Flamengo tornou-se uma força da natureza, e repito: o Flamengo venta, chove, troveja, relampeja. Eis o que me pergunto: os gatos-pingados que se reuniram, na salinha, imaginavam as potencialidades que estavam liberando?”

Pelo visto, não. Caberia ao futuro, e a milhões de testemunhas Brasil afora, registrar as infundáveis páginas de glória.